

CABARÉ REI

2

CLODOALDO TURCATO

CABARÉ REI

Segunda Edição

EDITORALIVRE PENSADOR

Recife, Pernambuco

Título Original

Cabaré Rei

Segunda Edição

Copyright @ 2012 by Clodoaldo Turcato

Copyright da edição @ 2012

Editora do Livre Pensador

Avenida Presidente Kennedy, 4.834

Candeias

54430-030 – Jaboatão dos Guararapes – PE

Telefones (081) 3519-576/ (081) 8301-9710

www.editoradolivrepensador.com

e-mail: clodoaldoturcato@hotmail.com

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Capa: Instituto do Livre Pensador

Capa: Salomão Roberto

Ilustrações : CODO

Dedico este trabalho a Marilene Pholman, meu primeiro amor não correspondido, a minha ex-esposa Maristela, as Irmãs Fidelma e Henriqueta, minhas professoras do ensino fundamental, ao Padre Leonardo que celebrou minha primeira comunhão, aos amigos Afrânio Pignat, MoaçirNaibo e Mauro Bernardes. Lembranças saudosas de todos os moradores da comunidade de Linha Rosário que integram este trabalho.

Prefácio por mim mesmo

Escrever *Cabaré Rei* foi um retorno à minha adolescência: tempo das paixões desmedidas. Escrever assim é recordar e registrar os pequenos passos que damos no dia a dia. E a cada frase nossos amigos ocultos surgem proporcionando inspirações (ou invasões mentais) participando ativamente, sugerindo e alterando o rumo inicial do projeto.

Iniciei este livro ainda fora da prisão e concluí dentro dela. Não tinha grandes esperanças em sua conclusão. Porém, o livro foi mais aguerrido que o escritor, tomou forma e ganhou corpo, chegando ao seu final. Como vemos, é um livro com vida própria.

Linha Rosário está localizada no interior de Caibi, Estado de Santa Catarina, onde nasci. É povoada por descendentes de italianos vindos do Rio Grande do Sul por volta de 1965. Os colonos são basicamente católicos conservadores. Nutrem costumes fundamentados pelo catecismo e vivem nesta ótica. No entanto nem todas as

ovelhas mantêm-se no rebanho, algumas se desgarram. Destas que o livro trata.

Sim, todos os personagens são reais. Maninha, foi minha vizinha; Marlene, meu amor; Padre Leonardo, um homem admirável; Irmã Fidelma, um luxo e Irmã Henriqueta uma Santa. Existiram Odila e Alair, duas das Senhoras moralistas de bandeira em punho, batendo contra os costumes do Seminário e as mulheres do Cabaré. O cabaré também existiu, uma afronta àquelas tradições seculares, guardadas pelas boas famílias, mesmo que num círculo hipócrita e baixo. Se por um lado o cabaré afrontava, por outro despertava o desejo masculino, tanto que não caiu, mesmo diante de inúmeras tentativas de retirá-lo. Enquanto os santos queriam seu fim, os homens de carne, osso e falhas, queriam-no em pé. Aquele canto, beira de rio, era o ponto de fuga daquelas almas cansadas de poucas diversões. Gente que nunca saiu do minúsculo pedaço de terra e serras, sem qualquer carinho, um afeto que seja, criados para serem duros. No cabaré podiam ser apenas crianças.

De tudo, nunca fui um frequentador de cabarés, talvez por ter sido promíscuo em outros cantos. Vi o cabaré, personagem deste livro, duas ou três vezes. Sempre carregado dos medos de Igreja, me furtei a conhecer um pouco mais da vida, seguindo uma cartilha dada e remetida para que aceitasse porque era bom, sem mais. Mesmo assim acompanhei a revolução que o cabaré causou na região. Diariamente se discutia alguma coisa a respeito, talvez por falta de assunto ou por tão poucos escândalos no lugar. Os detalhes do prostíbulo permaneceram por anos, comentado com esbórnica pelos homens e com ódio pelas mulheres. E os homens têm essa particularidade que algumas mulheres não têm: sabem da necessidade de voar. Não se pode manter um pássaro na gaiola, embora alguns aceitem por covardia.

E o que incomodava não eram as putas, afinal elas mantinham-se sempre em seu canto, mas sim, a diferença desproporcional entre algumas esposas consumidas pela vida de trabalho e as lindas mulheres que trabalhavam no cabaré. Nunca questionavam, estas matronas, se seus maridos ou namorados eram felizes. Não contava

felicidade naquela vida, vivia-se sem perguntar. E os homens tinham momentos de felicidade apenas no cabaré. O temor daquelas coitadas era perder o pouco que tinham algum respeito conquistado a cheiro ruim e bosta de vaca – tão pouco. E de tudo, todas as andanças que o destino deu, o cabaré permaneceu, intacto, Rei.

De qualquer maneira, a vida é misteriosa e clara: não se pode ter tudo, nem amor, mas, muito desprezo. Suportar o desprezo consiste em sabedoria. Não apegar-se é outro atributo que precisamos dominar. O que nos desespera é que precisamos nos manter vivos ante tantos baques, tomando fôlego e consciência de que o destino é indomável, soberano, alheio as nossas vontades. E se o destino é Deus, então precisamos respeitá-lo, nunca enfrentá-lo. E olhando para o alto, onde apenas nosso pensamento alcança, percebemos o quanto somos pequenos e distantes da perfeição – somos as cobaias de Deus, apenas isso.

Enfrentei algumas revelações, aquilo que vivenciei e as agruras de duas paixões impossíveis: primeiro por uma Deusa, proibida, e depois por uma

Diaba, igual impossibilidade. Quando se ama não se reflete nesta distância entre querer e poder, apenas se quer, até que Ele, o Destino, mostra suas garras.

Talvez seja pretensão, mas este é um livro com vários destinos. Cada qual com seus momentos intensos de paixão: um ponto em comum. De tudo, o que sobra é recordações, feridas latentes que, ao menor toque tornam a machucar. E o grande problema é que não há o que fazer senão vivermos até o fim.



Brevidades sobre Maninha

Maninha era a filha do meio de um agricultor chamado Armelindo Slaviero, residente em Linha Rosário, município de Caibi, Estado de Santa Catarina. Cresceu como todas as meninas da época, fazendo suas estripulias, pulando cerca, jogando peteca, comendo banana, brincando de boneca. Quando alcançou onze pra doze anos mudou e passou a ter gosto típico, incomum, de vigiar os meninos que se masturbavam na beira da sanga sapo, vibrando quando alcançavam orgasmos, numa espécie de competição, da qual era organizadora. Isso tudo ouvi de meus primos, assíduos frequentadores daqueles bacanaís juvenis, que nem se dava pelo nome, apenas brincavam de quem chegava antes, ou quem acertava mais longe – por vezes a medida era a boca de Maninha, que sem receios fazia o papel de copo. Logo que me contaram como era o negócio senti nojo: como poderia uma menina botar aquele negócio nojento na boca?

Quando os seios cresceram vieram os calores do corpo, que a levaram para a safadeza juntos de seus

irmãos e vizinhos. Não entendia bem o porquê seus pais batiam tanto nela, além de a chamarem por aqueles nomes feios, só por que brincava daquelas coisas gostosas. “Essa menina tem fogo no rabo!” Todas as tarde escutava a correria de Armelindo atrás da filha com uma vara de vime arrancada de uma plantação que mantinha nos fundos do chiqueiro de porcos. Em minha casa Mamãe tinha sua plantação, como todos os vizinhos possuíam o seu estoque de baquetas utilizadas até quebrarem - Uma vara servia pra bater em três crianças, esta era a medida. Quando quebrasse toda, o castigo se encerrava. Mas pra Maninha a dose era única, sem divisão - as marcas ficavam à mostra por três dias, com vergões enormes, acusando de que a criança tinha aprontado alguma arte. E sempre tinha um tio idiota pra tirar onda, encher o saco com sermões e concordar com o pai ou a mãe. E lá vinha a história toda, justificada, por que todos eram grandes e sabiam de tudo na vida. Então aquele “conhecer” lhes dava o pleno direito de espancarem à vontade. Depois de cansarem de bater, os pais desistiram de endireitar a filha, já famosa pelas camas quentes que mantinha. E o Diabo da menina ficava

cada dia mais bonita, desejada e disputada. Ofertas de toda ordem não faltavam para algumas horas de amor, que atendia prontamente, aumentando sua paga com a experiência adquirida. Parava muito pouco em casa. Vivia pelas garupas de moto ou no carona dos poucos carros que apareciam por aquelas bandas, indo e vindo, debochando de todos os conceitos moralistas que permeavam aquela comunidade. Aos Domingos, quando retornávamos do futebol, encontrávamos sempre um carro parado próximo a casa do Armelindo Slaviero: Era Maninha com um de seus namorados.

Partilhei dos conceitos de Mamãe que a chamava de sem vergonha, puta, china, dentre outros adjetivos funestos. Formei uma imagem pior possível e, como a maioria, me afastava ao vê-la aproximar-se de nossa roda de amigos. No culto ela ficava sozinha no banco do meio. Mesmo os que lhe eram íntimos, nessa hora a desprezavam: ninguém queria aparecer ao lado de uma puta, diante de Nossa Senhora do Rosário. E se comentava à larga o penteado, a roupa curta, o perfumado mal cheiroso: tudo em Maninha era feio.

Sua forma de amor livre causou revolução naquele lugar acostumado a coisas sacras. Era de todos e nenhum. Ao menor sinal de discórdia deixava os briguentos. Enquanto perseguida pelos homens, era nome fácil nas bocas das mulheres, tementes aos incursos de seus maridos ou namorados. Não havia amizade para a moça em toda a região; religião nenhuma a aceitava; famílias direitas proibiam que se falasse com ela; autoridades constituídas, pelo menos às claras, a expurgavam. Se para tantos fosse o fim, mantinha-se alheia ao seu redor, recebendo a todos com alma limpa das perdidias: “Não me quer hoje, cururu?” O jeitinho com que empregava as palavras e a forma como abria o mini blusa, derrubava a resistência de qualquer Cristão. Quando ela sentava-se no colo, o homem direito pensava consigo que aquilo nem devia ser pecado. Ela era metida. Fazia questão de aparecer em todo canto, sempre ousada. As senhoras e Senhoritas a odiavam. E pra piorar pagava a própria cerveja, não pedia nada pra ninguém. Quando em bailes, era sensação. Cercada por machos de todos os lugares, sem nunca fazer de graça, gritava que sua buceta

tinha preço, quem quisesse que pagasse: “se danem pra lá pobres, sou uma negociante”.

Nos dias dos sangues ela sumia, pois sentia nojo; tinha as suas reservas. Mesmo sendo uma moça de vida fácil, como diziam na época, guardava um período para si, num retiro protestado e necessário. Mas até nisso a natureza era generosa. Com regras de apenas três dias, voltava com mais fúria ainda, obrigando seus amantes postarem-se numa disputada fila de espera. Não teve jeito, saiu de casa, para alívio dos familiares – a barata de Kafka. Se bem que o dinheiro que deixava pra família permitia que às vezes se excedesse. E não é que fez falta, tanto que, em surdina, a mãe mandava a mais nova, direitinha, pedir pra irmã algum trocado para os dias de festa. E o Armelindo, que foi bêbado sempre, motivo de tantas noites de corre-corre da família, não perguntava de onde vinha o recurso e, quanto mais, menos se falava naquilo.

Com aquela volúpia toda, a distinta arranjou admiradoras que secretamente a visitavam, abrindo seus desejos e recebendo os ensinamentos galgados a duras

penas. Estes encontros são perigosos, afinal de contas o coração, esta terra sem dono, pode falsear e aprender o amor. E estas estudantes se empenharam de tal maneira que se formou um ponto de encontro, onde noite e dia se pregava o amor livre. Tais festas eram tão carregadas de erotismo, que se por ventura algum vivente dela participasse, carregaria a lembrança pelo resto de seus dias. E nisso não havia regras, tudo se podia, varando-se madrugadas em oferta a Baco. E se todos podiam chegar, sempre haveria os que por si tentavam a exclusividade, comum ao coração egoísta dos homens. Tais Senhores compravam seus espaços para serem únicos, nem que por pouco tempo. Tamanho empenho abria exceções, transformando aqueles serrões num próspero negócio. Naquela modesta casa a beira do Rio Iracema, Maninha vislumbrou o único futuro possível para uma mulher de sua fama: então fundou o Cabaré Rei.

E a notícia de que na Rosário tinha uma zona foi recebida com zelo pelos seus moradores. Aquilo taxava a comunidade de forma negativa. No entanto ninguém mexeu muito, afinal de contas que ficassem no canto

delas, sem aquelas demonstrações públicas que estava constringendo a turma nos finais de semana. As perdas podiam ficar discretamente, que cada uma cuidasse de seus namorados e maridos. Enfim, putaria existia desde que se criou o mundo e ninguém conseguia com a força do sexo. Então era até bom que ficassem retiradas, sem mexer com ninguém – filosofia puritana que em breve cairia por terra.

Ouvi tudo pela boca de Mamãe, num dos finais de semana que fui visitá-los – naquele tempo passava a semana no Seminário indo pra casa aos sábados – e dei as costas. O falatório era coisa de gente da roça, colonada que não tinham outra função senão olhar a vida dos outros. E numa cidade onde um espirro é conhecido por toda a gente quando mal se dá, em pouco tempo sabia-se os frequentadores assíduos, os medianos e os que iam de vez em quando. Segundo a boca suja dos faladores, pelo menos uma vez na vida, todos os homens de Caibi passaram pelo Cabaré Rei e foram agraciados pelos encantos de Maninha. Em minha mente via a Roseli da roça, com cabelos mal cuidados, usando luvas pra colher

feijão, o que Papai considerava frescuras, já que mãos calejadas e unhas sujas eram sinais de gente direita, pessoas consideradas. A vida precisava ser dura, não tinha espaço para as facilidades da cidade. Colona era pra ser feia, isso sim.

Maninha aprendeu cedo aquele destino e correu dele, deu na cara, afrontou a todos. Mesmo não sendo uma mulher com beleza, tinha a cara e a coragem, e disto se armou pra tornar-se a cafetina mais famosa que conheci nos tempos áureos de minha infância.



O fato de eu ser seminarista chefe e outras verdades

Naquele tempo – isso se vai trinta e cinco anos – me dividia entre a casa de Papai e a cidade. Finais de semana vivia a felicidade que a infância na roça proporciona, e noutros dias morei no Seminário São Domingos estudando Teologia e cursando o Primeiro Grau no Colégio Dom Pedro II, que ficava em frente, bastando cruzar a rua. Há bem da verdade, e hoje posso confessar, nunca gostei muito do interior de Caibi, pois representava todo atraso que odeio nas pessoas. Talvez por desconhecerem outro mundo, os colonos se protegiam na ignorância. Achavam que qualquer um que não falasse aquele português horrível com “erres” a mais, ou “esses” a menos, “eles” no lugar errado, um cara duvidoso, chegados a miséria sem facilidades. O negócio era cabo da enxada, foice, mãos cheias de calo, roupas de ano e meio, fedor de merda de porco, cabelos cortados em casa e lavados com sabão caseiro feito de restos de porco. Na cidade tinha os livros, onde eu me enterrava diariamente, invadindo outros países com Marco Polo, Júlio Verne e Machado de Assis. Masturbei-me muitas

vezes imaginando Justine de Sade – como seria aquilo? Na roça não ousava nem mencionar tais vontades. Imediatamente seria taxado por louco varrido. Tentei, também do meu jeito, enfrentar meu destino. “Tu fica quieto no teu canto, Codo!”, berrou meu pai, na única discussão que tivemos. Aquilo bastou para compreender que meu mundo não estava ali. Como interno bastava cruzar a rua para a escola e vice-versa. Esta proximidade proporcionou-me situações memoráveis dos subterrâneos que envolviam as duas instituições.

O Colégio Dom Pedro II era uma instituição estadual com Primeiro e Segundo Graus. Ocupava uma área de dois mil metros quadrados, com um prédio de dois andares, aulas em três turnos, sendo o dia destinado pra quem morava na cidade sem emprego e a noite para agricultores e trabalhadores. Todos se conheciam, sabiam onde moravam, os pormenores do cotidiano; coisas de uma cidade com seis mil habitantes, onde cada vida era dividida e comentada por todos. O ponto de encontro era o recreio, geralmente numa das duas quadras em cimento, onde meninos jogavam futebol, enquanto as

moças brincavam de roda ou sassaricavam. Neste tempo não era comum os namoricos como agora. Claro que fazíamos das nossas, nada as claras e longe das vistas dos professores, tão afeiçoados a darem corretivos. De vez em quando perambulava algum comentário de um beijo atrás do banheiro ou no depósito de materiais. Se chegasse a direção virava escândalo, causando reuniões entre as famílias, participantes e testemunhas. Na volta da escola, as meninas iam apartadas, seguidas pelos pretendentes que simulavam jeitos para se falarem ou algo mais. Tudo no maior segredo, desses que não escapam dos olhos famintos por uma boa fofoca. E no recreio o correio funcionava com detalhes geralmente distorcidos. Eu via tudo com olhos superiores. Imaginava onde aquelas meninas depositavam suas energias e o quanto tinham que suportar o peso da natureza pedindo por toques e beijos. Porém, precisavam manter seus calores dentro de calças jeans Ustop, ou saias com uns calções por baixo pra não mostrarem a calcinha. Tantos hormônios a disposição, que minha total falta de coragem inibia sequer de chegar perto. E algumas até usavam calções pequenos, apertados, principalmente nas aulas de

educação física, que me levava aos comentários mais audaciosos. E sempre tinha aquele safado que prometia contar pra Diretora o que falávamos – o maior veado do mundo. Então restringíamos nossos dizeres a quem fosse de confiança. E sempre tinha uma melhor que a outra; aquela aluna que enchia a quadra nas aulas de educação física. Uma delas chamava-se Flávia Balestreri, minha prima em segundo grau eu m dos rabos mais quentes que conheci. Morei na casa dela uns seis meses, sempre ao lado de seus shorts curtíssimos. Ela até que deu mole, mas o medo de tia Honesta – sim este era o nome dela – me impediu de dar minha primeira com ela. E qual, logo que percebeu a toupeira que eu era, começou a sair com uns caras de Palmitos, que tinham coragem pra encarar. E eu, coitado, só imaginando, durantes os banhos, como teria sido.

O Seminário São Domingos era um casario de dois andares, salpicado e pintado com uma tinta vagabunda cor verde musgo horrível. Destoava tanto das outras construções que se algum desconhecido o procurava era orientado a procurar o único daquela cor na

cidade. Os menos religiosos diriam “o prédio mais feio do mundo”. A parte de baixo era destinado às salas de aula, cozinha, banheiros, salas, lavabo, garagem e uma área de jardins. Na parte de cima ficavam os quartos: cinco de solteiros e dois para casais. Todos os anos chegavam seminaristas da região, grande parte filhos de agricultores sedentos porsair da vida dura das colônias e morar na cidade. Até hoje tem sido assim. Poucos seminaristas optaram pela clausura católica por fé, mas sim para saírem de suas misérias individuais, qualquer que seja. Fugir do destino, como eu e Maninha, tinham várias formas, a mais rápida era o Seminário. Qualquer coisa menos aquela chatice de acordar cedo, ir pro cabo de enxada até cair o sol e no final de cada ano ficar ainda mais burro e pobre - Deus era o caminho. Então se despejavam dezenas de jovens no Seminário todos os anos.

De todos eu era o mais velho e uma de minhas obrigações era coordenar o grupo. Incumbia arcar com as medidas disciplinares, se necessário, e muitas vezes sugerir ao Padre expulsões dos menos zelosos. Com tais

poderes, angariei respeito e ódio, cabendo-me a alcunha de papa-hóstias, puxa-sacos, cabrão... e tantos outros adjetivos que enlameariam este pobre texto. O sujeito esperto buscava minha amizade ao entrar. Qualquer propina tornava sua vida mais fácil, fechava meus olhos para algumas faltas, ocasionando a maneira para que nada passasse do ambiente interno. E se a falta aumentasse o preço subia. Então minha condescendência ia até o regalo acabar. Quando não havia mais recursos, estes podiam ser substituídos. Assim, conheci corpos púberes de irmãs, tias, primas e até mães, dispostas a pagarem pela permanência do parente. Nos finais de semana o Vigário e as Irmãs partiam em visitas pelo interior, deixando tudo sob minha responsabilidade e tal situação me proporcionava novos impostos, pagos com amigas do Colégio Dom Pedro II.

Como Seminarista Chefe, título que estipulei a revelia, mantinha meus seguidores fiéis, tementes a mim e ao retorno para a vida dura da roça, com seus invernos abaixo de zero e doze horas trabalhadas. A família queria muito livrar-se do fardo da criação, pois a miséria era

preeminente naqueles tempos em algumas regiões donde vinham àquelas pobres almas para serem por mim exploradas. A qualquer rebeldia cobrava obediência e falsos testemunhos ao meu favor. Portanto, de nada adiantava bater de frente comigo.

Se os mais espertos se aproximavam, os menos logo nos deixavam, cheios de ódios e ameaças que nunca se cumpriam. De tudo, a rotatividade era pouca, por duro que fosse meu mandato, pior era o retorno vexatório. Tantas coisas a serem explicadas, minúcias de homens que saíram para servir a Deus e não tiveram paciência, nem mesmo perseverança antepequenas provas. Sim, pois cuidávamos para tornar a culpa do desregrado bem maior do que fora, nada que deixasse qualquer dúvida de onde estaria a razão. E no final sempre sobrava um consenso geral de que com Ele não se brinca, logo não seriam críveis de suas verdades.

Para um colono aquela percepção era extraordinária. O que me deu tal conhecimento fora a leitura de dois livros: “O Príncipe, de Maquiavel” e “A Arte da Guerra”, de Liu Tze Tu. Neles delineeí minhas

estratégias, que nunca seriam superadas. Nestes dois clássicos baseei minha conduta em dois princípios: Sempre parecer o melhor amigo de qualquer um, e encontrar nele as fraquezas, não importando os meios, mas o fim. Pra quem nunca passou da revista Placar e de pensar em feijão e milho, aqueles ensinamentos me deram grande vantagem. Somente depois de ler clandestinamente Sade e Freud, entendi as mulheres e a volubilidade que são para enfrentá-las e dominá-las. Leituras tardias, mas nunca tão propícias.



As verdades do seminário

O Padre que comandava o seminário chamava-se Leonardo. Tinha quarenta anos, dado a vinho e danças. Não tinha menor vocação para o prelado. Era o espelho dos jovens que via todos os dias nas salas do Seminário. Saiu da roça para a vida religiosa, sem nunca ter abandonado os costumes mundanos. Mantinha seus hábitos prosaicos, dentre os quais participar ativamente de todos os festejos nas comunidades, onde refestelava em noitadas com seus paroquianos. Todos estes gestos eram toleráveis, não afligia a boa fé daquele povo humilde. Porém na humildade existe a malícia, pequenas maldades incrustadas nas almas mais dóceis. E assim se faziam muitas perguntas, dentre as quais se aquele comportamento, que por lá dizem somente jeito de ser, era adequado para um Padre. Outro problema do Padre era suas saídas constantes da paróquia para destino ignorado. Justificava-se pela mãe, muito doente, normalmente pra morrer, que lhe exigia presença semanal. E nestas ausências necessitava de alguém para substituí-lo naquelas tarefas que o sacro direito religioso

não impedisse a qualquer mero mortal. Dentre os seminaristas eu era o único capaz para cobrir aquele pequeno pecado semanal. E um sujeito viciado precisa de cobertura, ainda mais quando tal vício fere a fé que professa. A natureza pede por determinadas atitudes, alguns suportam sem reclamar o tal fardo divino, outros enganam, perdem-se e precisam ser acobertados.

_ Preciso me ausentar todas as semanas, por causa das doenças de Mamãe. Estas minhas ausências não devem constar no relatório mensal que envio ao Bispo. Compreende?

_ Poderia ser mais claro? Insinuei ignorância do assunto, já antevendo sua necessidade por mim.

_ Meu filho, a Igreja é uma organização que se mantém pela rigidez de suas regras, que às vezes nos leva pequenos pecados...

_ Pequenos pecados, Padre? Fingi não compreender.

_ Sim, meu filho, pequeninos.

_ E visitar sua mãe doente seria um pecado? E como não ir por sua linha de raciocínio, se aquilo me daria grandes vantagens? Afinal, o mundo estava errado, nunca nós, dos pecadinhos.

_ Deixar minha Igreja toda semana é pessoal, e pecado. Ainda mais agora que o farei duas vezes por semana.

Falou em tom pesaroso, olhando diretamente para mim. Não tinha medo de reprimendas do Bispo, já que estar em Caibi era o máximo de regressão espiritual que um religioso alcançaria. Fico pensando o que Padre Leonardo ouviria nas confissões das distintas Senhoras de Linha Rosário. O único pecado possível era o da cama, outros não. Ser sovina, ambicioso, maldizente, pequeno, fofoqueiro, etc., não entrava no rol dos pecados. Pecava-se sempre pelo desejo. Uma senhora com seus cinquenta e tantos, que nunca tivera outra coisa a não ser um marido fedendo a espiga de milho, merda de porco, baba de vaca, teria pecados? O céu não estaria aberto, já que entregara seu corpo jovem e quente para ser apagado pela água da hipocrisia, que nunca ia além daquele

desempenho desconhecido de cama. E se por sorte esta pensasse em outra coisa que não fosse os segredos da cama fria, dos toques brutos que nunca desejavam nada além que a própria satisfação, precisava confessá-los, penitenciar-se e calar: quem deu a má sorte de serem mulheres? Estar numa confissão com aquelas mulheres era a situação mais bizarra que um homem, com tantos desejos, pudesse suportar. Velhas corocas que se torturavam por terem pensando em tal coisa, tocado determinado lugar, pensado mal de alguém que virara cinzas há duzentos anos! Ou então ouvir de uma mocinha que tinha tocado a língua do namorado, pegado no pênis, sentido vontade de transar ou que tenha feito... Depois de todas aquelas asneiras, segurar o riso e dar o castigo, pedir que não pecassem mais, quando a vontade era de dizer para não aparecerem com aquelas besteiras.

Dali apenas para a excomunhão, e disso não temia, afinal quem poderia querer aquele local como Caibi para ser Pároco? Uma cidade carregada de gente pequena e imodesta? Não, a Diocese certamente era maior que aqueles desvios de conduta.

_ Duas? Perguntei feliz. Tanto melhor, seriam mais dias como rei do pedaço, pensei.

_ É, meu filho. E nesse contexto preciso de seu empenho e discrição. Fez pausa e sentou-se na cadeira a minha frente. É claro que além das graças do Senhor, serias o encarregado em minha ausência. Ofereceu-me o cargo, comprou minha fidelidade, dando aquilo que eu mais queria: liberdade em agir, dar minhas festas e ter a minha satisfação pessoal. Bastava meu aceite.

_ Padre! Baixei a cabeça e beijei sua mão, emocionado. É claro que pode contar comigo, sou um servidor do Senhor. Nada mais falso e conveniente, ante um sorriso pleno de gratidão.

Naquela tarde fechamos nosso pacto e consegui autoridade similar ao Pároco, livre para articular e me perpetuar no cargo.

Então, caríssimos, vejam o quanto o Seminário serviu-nos, a mim e ao Padre. Isso nunca me constrangeu muito menos a Ele. Algumas vezes Deus se utiliza de gente porca para seus fins, coisas que se compreende

somente no futuro. Mas como entender ao Todo Poderoso e suas brincadeiras, se somos pequenos, que nem para pecados grandes temos coragem? Deus deve rir de tudo e incluir em uma lista dos tontos espertinhos, que fazem o seu trabalho de formas inadequadas, a princípio, mas que dão ao seu final a mensagem belíssima planejada no início dessa festa que é a vida. Vejo isso agora, velho e saudoso, por que meus olhos eram do poder, que inibiu as melhores coisas que a juventude me deu e atirei pela janela.